

Laços de violência: relações familiares em Clarice Lispector e Guimarães Rosa

Rodrigo Silva Trindade
USP

RESUMO: As obras de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, dentre outros temas, problematizam de maneira muito intensa a constante busca do ser humano pela sua essência em contraponto com o massacrante cotidiano da vida. Dentre muitas possíveis, há duas questões pertinentes que emergem das trajetórias dos personagens claricianos e rosianos: O que há de universal em cada indivíduo? Como podemos obter a individualidade numa sociedade massificada? Em suma, tentamos apreender como cada autor persegue a essência e a constituição do sujeito através da experiência de vida construída na teia ficcional. Com isso, nos permitem identificar a violência praticada contra o indivíduo pela coletividade na qual está inserido. A sociedade pode ser opressora em todos os seus âmbitos, inclusive no familiar; e é isso o que se observará na análise de “Os laços de família” e “Os irmãos Dagobé”, nos quais também, amparados em aparato crítico, buscamos identificar as soluções encontradas pelos personagens claricianos e rosianos para constituírem-se como sujeitos de sua existência.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Guimarães Rosa, literatura comparada.

ABSTRACT: *The literary works of Clarice Lispector and Guimarães Rosa, among others topics, problematize in an intense way the constant pursuit of the human essence against the massacrating daily reality. Among many possible, there are two relevant issues that emerge from the trajectories of the characters and claricianos and rosianos: What is universal in every individual? How can we get individuality in mass society? In short, we try to learn how each author pursues the essence and constitution of the subject through the life experience built on the plot. Thereby, we can verify violence against the individual by the community in which it is inserted. Society can be oppressive in all spheres, including family, and that is what will be observed in the analysis of “Os laços de família” and “Os irmãos Dagobé”, in which also supported in the critical apparatus, aimed to understand the solutions found by the characters claricianos and rosianos to constitute themselves as subjects of their existence.*

Keywords: *Clarice Lispector, Guimarães Rosa, comparative literature.*

Clarice Lispector e Guimarães Rosa desempenham na literatura brasileira papel de exploradores vorazes da linguagem. Trata-se de dois escritores que possuem estilos próprios, ambos lançam mão de procedimentos muito particulares para tornar literária a experiência do sujeito, além de partilharem da mesma incansável busca pela tradução do indizível. No seu ofício,

Clarice parece encontrar o que chama de “coração selvagem” no interdito, ou no não dito, enquanto que Rosa cria um universo inconfundível no campo sintático-semântico.

Ambos foram exímios romancistas. Em obras como *Perto do coração selvagem* e *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, acompanhamos a saga heroica e vertiginosa de protagonistas que de diferentes maneiras buscam se afirmar e, sobretudo, existir para o outro e para si mesmo. Joana e Riobaldo são exemplos célebres de personagens que além de personagens de ficção, parecem aspirar à obtenção de estatuto de pessoas. Diante disso, faz-se necessário perceber quais são as soluções adotadas por cada um dos autores para transmitir o seu conceito de indivíduo ao leitor.

De antemão, é conhecido que Clarice Lispector compartilha com o leitor o seu mundo doméstico, dentre outros recursos, através de uma revolução na sintaxe, enquanto que João Guimarães Rosa universaliza o sertão por meio de riquíssimas experiências lexicais. Tais procedimentos não se dão de maneira simples, ao contrário, estimulam a mente do leitor na medida em que oferecem dificuldades para sua compreensão.

Ao analisarmos esses dois sistemas, podemos notar que ambos têm em comum o foco narrativo nas relações de alteridade. Assim como na vida real, toda experiência ficcional é marcada por uma tentativa de se posicionar em relação ao outro, esteja este representado na precariedade do sertão ou na sociedade pequeno-burguesa carioca.

Tais relações interpessoais podem constantemente ser observadas na essência das produções dos dois autores, principalmente no tocante às convenções sociais esvaziadas de sentido, dentre as quais destacamos neste artigo o núcleo familiar, no qual o amor pode ser naturalmente substituído pela violência praticada em diferentes níveis de convivência.

Na tentativa de iluminar essas afirmações, faremos a análise de dois contos publicados talvez nas duas mais importantes incursões no gênero de cada autor: “Os laços de família”, em “Laços de Família”, de Clarice Lispector e “Os irmãos Dagobé”, em “Primeiras Estórias”, de Guimarães Rosa.

Clarice Lispector reconhecia ser considerada uma escritora hermética, no entanto “Laços de família” alcançou grande vendagem por ser um livro mais fácil de ler: “[...] Bom, me chamam até de hermética. Como é que eu posso ser popular, sendo hermética?” (MOSER, 2011, p. 627).

A resposta vem em seguida: “[...] ‘Laços de família’ se tornou o primeiro dos livros de Clarice a merecer uma segunda edição já que os 2 mil exemplares da primeira se esgotaram” (MOSER, 2011, p. 422).

Lúcia Helena propõe em seu texto “A literatura segundo Lispector” (1991), a ideia de realismo às avessas ao afirmar que os registros que ocorrem dentro da obra da escritora não são de fatos, mas de impressões. O livro é o maior exemplo disso dentro da obra de Clarice Lispector.

Em situações do cotidiano, a autora busca narrar na maioria das vezes em personagem femininas, as inquietações do existir em meio ou apesar da ordem familiar: “[...] Todavia, homens ou mulheres, os laços que os uniam eram familiares mas ambíguos, estabelecendo-se a partir deles elos ao mesmo tempo de afeto e de aprisionamento [...]” (HELENA, 1991, p. 26).

“Os laços de família” é um conto narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente intruso, que tem início no momento em que a mãe de Catarina volta para casa após ter passado duas semanas visitando sua filha, genro e neto. A despedida protocolar é flagrada pelo narrador como momento patético de falsos modos e atenções recíprocas entre genro e sogra. Catarina contempla o tratamento cuidadoso entre eles com malícia, pois enxerga a hipocrisia presente na relação.

Tudo parece ser extremamente constrangedor para todos os participantes da situação até que no táxi a caminho da estação ocorre o momento recorrente na literatura clariciana: a quebra do cotidiano. Depois de uma freada busca, mãe e filha são lançadas uma contra a outra fazendo com que ambas se posicionem em constrangedora proximidade. Desconcertadas, as mulheres não sabem como reagir a esse momento de estranha intimidade ao qual não estavam habituadas. É aí que começa a problemática do conto.

Mãe e filha são apresentadas pelo narrador como “vida e repugnância”, ao mesmo tempo proximidade física e distanciamento espiritual. No momento do embarque, Catarina e Severina sentem esquecer algo, provavelmente de dizer a outra o que de fato significou o incidente ao mesmo tempo incômodo e pungente. Fica evidenciada a dificuldade da tradução dos laços que as uniam em gesto ou linguagem.

O narrador perscruta a mente de mãe e filha, descrevendo o incômodo que uma experiência tão corriqueira causara nas duas. Após o longo silêncio procuram voltar à zona de conforto, lançando mão de trivialidades:

-Não vá pegar corrente de ar! gritou Catarina.
-Ora menina, sou lá criança [...]
-Dê lembranças a tia!
-Sim, sim! (LISPECTOR, 1998, p.98).

A fragilidade do indivíduo aqui é posta a nu. As personagens não buscam a interpretação das sensações que lhe causam desconforto, procuram sublimá-las valendo-se de

estratagemas de linguagem que despistam, aparentemente, o seu interlocutor direto, mas não o narrador e o leitor do conto. Ora, diante da grandeza das sensações produzidas pelo episódio narrado, o leitor se defronta com uma tentativa patética de retorno a um padrão de normalidade que é impossível após o momento clariciano de descoberta do eu.

Finalmente depois que a mãe parte, Catarina se sente mais aliviada, uma vez que fora retomada a ordem natural das coisas: “Sem a companhia da mãe, recuperara o modo firme de caminhar: sozinha era mais fácil.” (LISPECTOR, 1998, p.98).

Percebe-se um nítido bloqueio estabelecido entre as relações de alteridade, sobretudo as que se pretendem mais intensas. Para se posicionar em relação ao outro, é preciso primeiramente reconhecer-se como indivíduo, para além de mero ator de determinado papel social. A filha pareceu ter na alteridade acidentalmente experimentada um vislumbre da sua constituição como sujeito, ainda que tal lampejo demonstre ser excessivamente intenso para o que as mulheres costumeiramente estavam preparadas.

Mas a experiência passada deixaria marcas indeléveis em Catarina. De repente, algo em sua existência havia sido acionado e impediria a sua vida de continuar a mesma. Como se tudo o que vivera até aquele momento fosse posto em xeque, seu papel recém-lembrado de filha, ativa e contesta seu papel de mãe e esposa. Nesse momento a experiência do indivíduo tende a repercutir de maneira indelével no seu círculo de convivência.

No lar do casal encontramos Antônio se apossando do seu sábado. Não por acaso talvez tenha sido escolhido o *Sabbath* judaico para representar o dia de descanso do chefe de família que aguarda o retorno da sua mulher para ter restabelecida a sua normalidade.

Esse dia para a cultura judaica, em conformidade com o quarto mandamento da lei dada por Javé a Moisés representa o dia de pausa nas atividades cotidianas para a dedicação e meditação no Criador e dedicação à família. Cabe ao patriarca zelar pelo cumprimento dos mandamentos.

O narrador se acerca do pai de família burguês, flagra o momento em que a mulher entra em casa assombrada pela experiência vivida tomando desesperadamente o filho pela mão e saindo pela rua sem saber para onde ir. Esse movimento não passa despercebido pelo marido, que prevê um momento de descoberta também para o seu filho:

[...]‘Catarina, esta criança ainda é inocente! Em que momento é que a mãe, apertando uma criança, dava-lhe esta prisão de amor que se abateria para sempre sobre o futuro homem. Mais tarde seu filho, já homem, sozinho, estaria de pé diante desta mesma janela, batendo dedos nesta vidraça; preso [...] (LISPECTOR, 1988, p.101).

Antônio se preocupa com o momento de descoberta que Catarina proporcionará ao seu pequeno filho sem que ele - o pai - possa fazer qualquer coisa para impedir. O papel de marido questiona tudo que possa vir quebrar a rotina estabelecida pelos frios anos de casamento. Incomoda-lhe perceber que a mulher “docemente aprisionada” por ele dia a dia, possa desfrutar de sentimentos genuínos que ele, sozinho, se mostra incapaz.

No entanto, é importante perceber que não se trata aqui de estabelecer uma simplória divisão maniqueísta do tipo marido-opressor e mulher-oprimida. O narrador do conto ao perscrutar a intimidade do marido revela que este também era uma vítima da chamada “prisão de amor” que agora se abateria sobre seu filho, ou seja, o que se problematiza no conto não é a sobreposição de um indivíduo em relação ao outro, mas o esmagamento do sujeito em face das convenções sociais plenamente estabilizadas, dentre as quais se inclui a família.

Evidencia-se o desejo de breve retorno à casa da mulher e filho, para que juntos interrompam o lampejo espiritual do qual foram todos eles involuntariamente tomados e possam desfrutar dos vazios e violentos laços familiares.

A letargia do indivíduo presente no conto analisado também pode ser observada por outra via, mas não menos problematizada, na literatura rosiana. “Os irmãos Dagobé” é o quinto conto do emblemático “*Primeiras Estórias*” de João Guimarães Rosa. O livro trata de diferentes temas, como a loucura, a infância, o misticismo, o amor e a violência. O conto do qual trataremos aparentemente faz parte da última temática.

Damastor Dagobé, temido valentão do sertão fora assassinado. Organizando os velórios estão seus irmãos, todos eles com seus nomes iniciados com a letra “D” do Demo: Dorival, Dismundo e Derval.

O autor da façanha havia sido Liojorge, pacífico homem que em legítima defesa tirara a vida do mais velho dos quatro irmãos. O vilarejo se põe em polvorosa. O narrador do conto se atrela à voz e pensamentos do povo que aguarda com desconfiança o fim do protocolo fúnebre para que ocorra a vingança dos famigerados irmãos contra o já mentalmente rendido Liojorge. Cria-se a expectativa da violência física, no entanto o que o narrador busca explorar é a natureza da violência em sentido mais profundo.

Chama a atenção o cuidado por parte dos três irmãos restantes para que o ritual funéreo esteja à altura do esperado pela sociedade sertaneja. Reverentes e circunspectos os irmãos apenas trocavam olhares e frases esparsas, o que sugere ao povo que eles sem muito alarde arquitetavam o terrível derramamento de sangue vingando assim o falecido irmão.

As atenções do entorno diretamente se voltam para o plano de vingança. Entre a chegada de um mensageiro e outro é dada a notícia que Liojorge deseja se apresentar diante dos irmãos Dagobé como prova de sua honradez e inocência da intenção de matar Damastor.

As pessoas se espantam e os valentões consentem que o rapaz participe do cortejo até o sepultamento do defunto segurando uma das alças do caixão. O ambiente se torna tenso, o povo se prepara para mais um provável enterro quando para surpresa de todos, o agora mais velho Doricão diz: “Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso Irmão é que era um diabo de danado [...]” (ROSA, 2001, p.78).

A situação foge às expectativas do povo. Frustram-se os prognósticos e há uma quebra do ciclo da violência. O enredo não é o padrão, a atitude ponderada de Doricão não corresponde ao que a sociedade projeta sobre a instituição dos criminosos.

E completa: “A gente, vamos’embora, morar em cidade grande [...]” (ROSA, 2001, p.78).

Há aqui o anticlímax. Quando todos esperavam a sanguinária vingança, resignado, o líder dos irmãos decide guinar o seu destino e o de sua parentela rumo a uma existência dentro do pacto social e da lei. Sobre isso, comenta Willi Bolle:

[...] Todavia, nem interessa especular sobre causas psicológicas, pois no texto, as motivações foram deixadas propositadamente de lado, porque os verdadeiros protagonistas não são os irmãos Dagobé nem o Liojorge, mas o povo [...] (BOLLE, 1999, p.95).

Amparado no viés da gramática narrativa, Willi Bolle deixa escapar em sua análise um ponto fundamental na construção dos personagens que é o dado da família. Toda e qualquer relação familiar pressupõe a noção de alteridade, que é um elemento psicológico, seja na problematização mais direta, como em Clarice Lispector ou tangencial, como em Guimarães Rosa.

Destaca-se em “Os irmãos Dagobé” a libertação que ocorre por meio de solução trágica. A morte do elemento catalisador da opressão abre para os irmãos sobreviventes uma possibilidade até então não cogitada: a fuga do universo da violência, não somente a praticada nos costumes dos “foras da lei”, mas a reinserção dos sujeitos oprimidos nas relações de alteridade, ainda que sejam estas as mais elementares.

Afirma Dácio Antônio Castro sobre o texto:

O enredo desta história sugere que a vida possibilita a qualquer tempo, a aquisição da civilidade: o impacto da morte de Damastor foi o detonador desta epifania que envolveu os irmãos sobreviventes, pois desencadeia neles a reflexão do que tinham sido até então e do muito que podiam fazer para resgatar a sua urbanidade (CASTRO, 1999, p.31).

Verificamos a sobreposição da vida sobre as convenções sociais. Sobre qualquer existência apagada e oprimida é possível se instaurar um elemento essencial, comum e importante a todos os homens. Nesse sentido, a visão do narrador rosiano é pungente, esperançosa.

Os três irmãos, sob a liderança do mais e possivelmente único verdadeiramente cruel da família, viviam a sua espécie de opressão. Operavam como executores dos desejos do mais velho, adquirindo segundo o imaginário popular as características do opressor.

O narrador aderido ao imaginário popular reproduz o temor dos que estavam no velório ao que seria a continuação dos atos de maldade do falecido irmão, encarnado nos seus três herdeiros e substitutos de sangue e violência.

Nossa mirada tão míope quanto clariciana neste artigo se volta para a família e suas representações na produção dos dois contos. Parece haver muito claramente duas buscas: pelo amor, em “Os laços de Família”, e pela alteridade, em “Os irmãos Dagobé”.

Todo o movimento de transformação presente nos contos esbarra na figura de um mantenedor do *status quo*, no caso: o marido e o irmão mais velho. O primeiro, chefe de família urbanizado da sociedade carioca; o segundo, um vilão do sertão. Sob as suas lideranças, todos os outros se limitam a atores que cumpram um esvaziado papel social, sejam na figura de esposa, filho ou irmãos.

Cumpre, no entanto, ressaltar a opressão existente também sobre aquele que oprime, redundando em um aparentemente infundável ciclo de violência que é rompido por pontuais momentos de lampejo em cada conto.

Até os grandes acontecimentos que marcam a grande virada das vidas das personagens - a morte de Damastor e a freada brusca do táxi a caminho do aeroporto -, Catarina e os irmãos Dagobé ainda não se haviam descoberto, no entanto o acontecimento irreversível possibilita que seus horizontes sejam ampliados para além do restrito universo no qual tinham se conformado.

Não se pretende afirmar que os irmãos Dagobé tenham passado por um momento de individuação, seria levar a um extremo improvável o resultado do choque ao qual são submetidos, no entanto a eles é possibilitado que tenham um lugar minimamente reconhecível do ponto de vista social.

O narrador de “Os laços de família” torna mais complexa a problemática vivida por Catarina e sua família a partir do senso de pertença muito caro à Clarice Lispector: “Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe” (LISPECTOR, 1998, p.96).

Catarina descobre uma sensação nova ao encontrar seu filho. A experiência de ter uma mãe potencializa a realidade de ser mãe. Dessa maneira, ser mãe e filha produz uma incontável experiência de sensações desde sempre reprimidas pela violência do silêncio e do papel social de mulher ao qual havia sido submetida não só pelo marido, mas fundamentalmente pelas massacrantes convenções sociais.

Catarina é indelevelmente submetida a uma prática de subjetivação que nunca tivera experimentado. Seu caminho é de fora para dentro, abandona o social ao qual se habituara desde sempre para encontrar a si mesma. O marido, por sua vez, não escapa ao pirotécnico espetáculo de sensações transferidas a ele no momento de lampejo da esposa que passa pela sala conduzindo o filho do casal. Esperançoso de ter restabelecida a sua paz, Antônio aguarda o retorno de sua esposa e do menino que, acredita, também não será mais o mesmo depois dessa experiência.

Após ver seu filho de mão dada à Catarina tomada por seu Amor, Antônio profetiza ao jovem um destino similar ao seu: “[...] Mais tarde seu filho, já homem, sozinho, estaria de pé diante desta mesma janela, batendo dedos nesta vidraça, preso” (LISPECTOR, 1998, p.101).

O marido representa então o fruto de uma opressão espiritual. Sublima a sua experiência “preservando” os seus de qualquer sensação mais afirmativa como sujeito, por temor da segurança de seu mundo.

Movimento similar de libertação ocorre com os irmãos Dagobé. Expostos à realidade da perda de seu líder, os remanescentes abandonam o ser coletivo que eram enquanto objetos de seu irmão e adquirem o direito a serem apresentados individualmente pelo narrador:

[...] Derval, o caçula, principalmente, se mexia, social, tão diligente, para os que chegavam ou estavam: - ‘Desculpe os maus tratos...’ Doricão, agora o mais-velho, mostrava-se já solene sucessor de Damastor, como ele corpulento, entre leonino e muar, o mesmo maxilar avançado e os olhinhos nos venenos, olhava para o alto, com especial compostura, pronunciava: - ‘Deus há-de-o ter!’ E o do meio, Dismundo, formoso homem, punha uma devoção sentimental, sustida, no ver o corpo na mesa: - ‘Meu bom irmão...’ [...] (ROSA, 2001, p.74).

Observa-se que pela ocasião da ausência do mais velho, os irmãos se arriscam a esboçar uma comunicação através de frases que pouco dizem, mas que se mostram revolucionárias tendo em vista o contexto de aprisionamento da expressão no qual os pobres-diabos tinham se desenvolvido. Compete agora a cada um manifestar seus pensamentos de maneira individual e, mais do que isso, estabelecer relações com o outro.

O processo que ocorre nesse conto acompanha a precariedade existente no ambiente do sertão. Enquanto a violência infringida à Catarina se dá num ambiente socialmente prestigiado, o que ocorre na estória dos irmãos Dagobé é o universo fora da lei.

O movimento que os indivíduos fazem é o de saída do universo marginal e restrito da sua violenta família ao também restrito e violento, porém aceitável, da sociedade e da lei. Sua descoberta se dá de maneira mais trabalhosa do que a de Catarina. Talvez os irmãos sobreviventes estejam ainda um passo atrás da protagonista de “Os laços de família”.

Catarina busca o amor a partir da sua constituição como indivíduo, fugindo das relações convencionalmente familiares na tentativa de revolucioná-las. Os irmãos sobreviventes, por sua vez, tentam ressignificar a ordem familiar pautada na violência para estabelecer relações com aqueles que não fazem parte dela. Temos assim a civilidade ou a alteridade no sentido mais elementar. A constituição dos irmãos como sujeitos necessitará ainda percorrer o caminho escolhido por Catarina e seu filho aprendiz de vivente na “cidade grande”.

Há efetivo êxito na busca das personagens pelo que mais lhes faz falta? Talvez isso importe menos. À literatura de Clarice e Rosa vale mais o lapso de vida que tiveram na sua existência ficcional.

Referências

- BOLLE, Willi. *Fórmula e fábula*: Teste de uma gramática narrativa, aplicada aos contos de Guimarães Rosa. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- CASTRO, Dácio Antônio. *Primeiras Estórias: Roteiro de Leitura*. São Paulo: Ática, 1999.
- HELENA, Lúcia. *A literatura segundo Lispector*. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n.104, mar. 1991, p. 25-42.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosacnaify, 2011.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Rodrigo Silva Trindade

Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, bacharel e licenciado em Letras na mesma instituição. Faz parte do grupo de pesquisa "A recepção crítica da obra de Machado de Assis", é professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo e da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. E-mail: r.trindade@outlook.com

*Recebido em 30 de dezembro de 2013.
Aceito em 30 de abril de 2014.*